

# U P O R T O

REVISTA DOS ANTIGOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

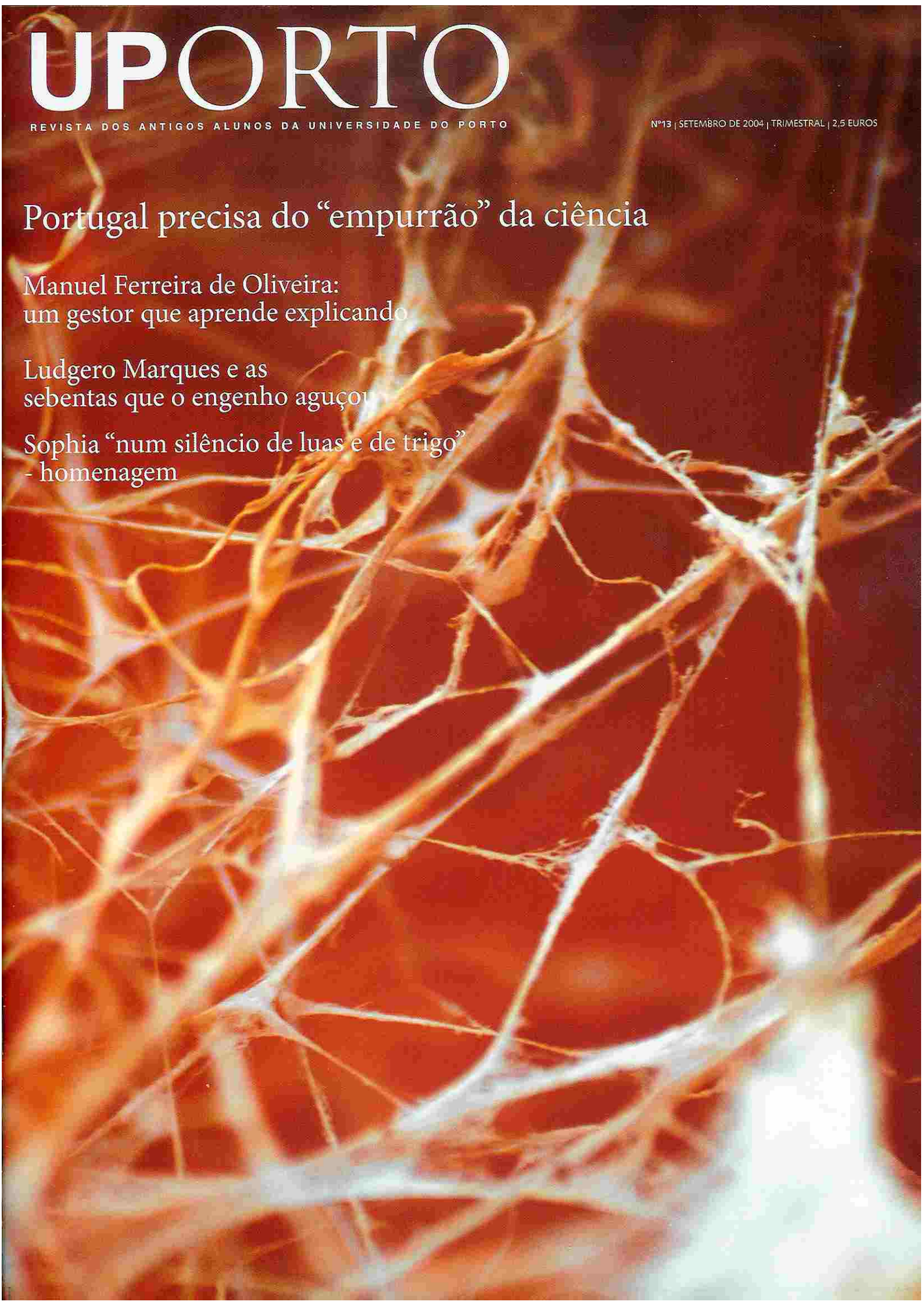
Nº13 | SETEMBRO DE 2004 | TRIMESTRAL | 2,5 EUROS

## Portugal precisa do “empurrão” da ciência

Manuel Ferreira de Oliveira:  
um gestor que aprende explicando

Ludgero Marques e as  
sebentas que o engenho aguçou

Sophia “num silêncio de luas e de trigo”  
- homenagem



## As sebentas que o engenho aguçou

34, 35

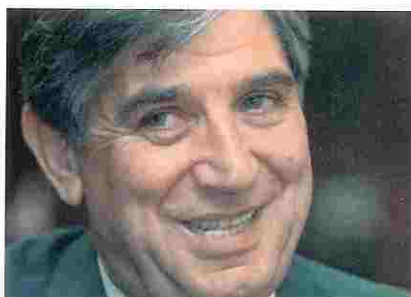
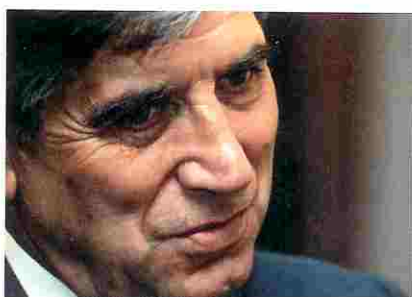
Em 1975 sobreviveu à queda de uma altura superior a sete metros, depois de ter decidido consertar ele próprio o telhado de uma das suas instalações industriais. A mesma resistência tem-lhe permitido coleccionar vitórias ao longo da vida. A presidência da Associação Empresarial de Portugal, da Exponor, do Europarque e dos Conselhos de Administração das Empresas do Grupo Cifial são apenas a parte mais visível. Dos tempos de estudante, Ludgero Marques, autor do “arroz de jornal”, lembra que o pai lhe dava “muitíssimo pouco dinheiro”, facto que nunca o impediu de viver “razoavelmente bem”. Um dos engenhos que a necessidade aguçou foi a produção de sebentas. No Porto foi a de Física II.

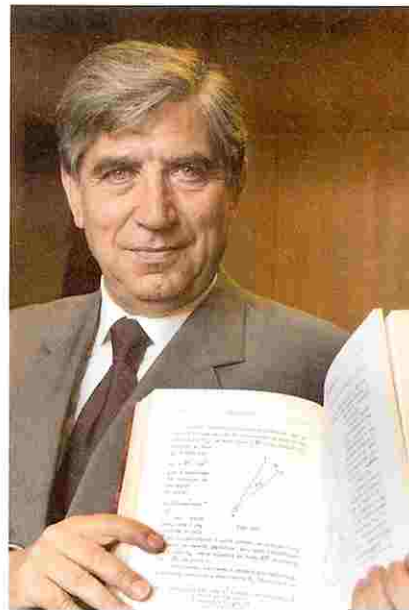
O ano da primeira matrícula de Ludgero Marques na Universidade do Porto é 1957, mas este não foi um ano muito proveitoso em matéria de estudo. Enquanto frequentou a Escola Académica foi aluno interno, mais tarde, no Instituto Industrial ficou sob a tutela de uns tios, mas quando entrou para a Faculdade de Engenharia já tinha quarto próprio. O resultado desta emancipação traduziu-se num chumbo e os três anos que se seguiram foram passados na tropa. Posteriormente, é em Coimbra que faz as disciplinas gerais e onde a estória se poderia ter repetido: “Eu andei na aviação e os meus colegas tiveram de ir também para Coimbra por causa da instalação do Aeródromo. Também aí, eu poderia ter perdido a cabeça, mas refugiei-me”. É nesta altura que concentra atenções na disputa pela produção de uma sebenta, a de Topografia. “Essa disputa teve de ser vencida com o convencimento do professor. Acordámos com o assistente da cadeira as correcções. Nada poderia sair sem ser corrigido pelo

professor assistente. Íamos às aulas e tirávamos apontamentos. O meu colega, que tinha chumbado à cadeira no ano anterior, já tinha apontamentos que, entretanto eram enriquecidos. Eu tinha uma máquina de escrever e convidei um amigo, a quem pagava para fazer os desenhos. Depois vendia as sebentas. Entregava-as, ainda pela manhã, a um senhor, “O Manel dos desenhos”. Era um funcionário da Universidade, que me levava 10% do total das vendas. Cada fascículo custava 7 escudos e 50 centavos. O ritmo dos fascículos era ao ritmo das aulas. Esta foi a única sebenta de Topografia que existiu, durante muitos anos, na Universidade de Coimbra, a tal ponto que eu fiz uma série de edições, ia mudando as capas e cheguei a vendê-las para Moçambique quando o professor Veiga Simão foi criar a Universidade de Moçambique. Quando vim para o Porto, continuei a ir lá para receber os meus dividendos”. Era já o espírito empreendedor a dar os primeiros passos: “O meu pai dava-me muitíssimo pouco dinheiro, foi sempre muito rigoroso, mas eu vivia razoavelmente bem com estas coisas”.

### A primeira “Exponor”

De regresso ao Porto, Ludgero Marques retomou a actividade e assumiu a responsabilidade pela sebenta de Física II, cadeira leccionada pelo professor Moreira de Araújo. “Era um homem muito rigoroso. Escrevia tudo no quadro. Com uma letra muito redondinha. Sublinhava tudo. Escrevia a vermelho ou a verde, para chamar a atenção e dizia ‘estes são os meus apontamentos, quem quiser que os copie’. Facilitava imenso. A sebenta era dactilografada e depois passava-se a *stensyl*... sujávamos as mãos todas, mas era um treino agradável. Cada fascículo custava cerca de 12 escudos e quase todos os alunos compravam. Havia livros em inglês e francês, mas não era ▶





36, 37

como a sebenta, onde estava tudo de acordo com o que o professor queria que se soubesse. Eram rubricadas pelo assistente do professor Moreira de Araújo...” Esta actividade caiu totalmente em desuso. Existem sebentas à venda nas Associações de Estudantes de algumas faculdades, mas com apontamentos do próprio professor.

O último ano de Ludgero Marques na Faculdade de Engenharia viria a trazer mais um desafio: arranjar dinheiro para organizar a viagem de final de curso. É nesta altura que tem a ideia de fazer uma mostra, embrião do que viria a ser a Exponor. “Foi a primeira exposição que se fez na faculdade. Uma feira de amostras... fiquei com a ideia da Exponor desde aqui. Convidamos várias empresas para participarem, para mostrarem os seus produtos e conseguimos encher o pátio da Faculdade de Engenharia. Também organizámos uns bailes na Ordem dos Engenheiros. O Pedro Osório era nosso colega de curso e tinha uma orquestra. Tivemos então de fazer um estrado para a orquestra. Fui eu que o fiz, na minha terra. Veio uma camioneta trazê-lo. Afixamos cartazes nas lojas e fizemos muito dinheiro para a viagem de curso. Fomos a Vigo, Londres, Amesterdão, Paris... durou quase três semanas. Não gastámos um único tostão. Foi tudo pago, viagens e ‘pocket money’, pelas acções que desenvolvemos. Foi formidável”. Deste último ano ficam ainda outras recordações. Conta que ainda recentemente um ex-colega lhe perguntava se ainda fazia o “arroz de jornal”. “Isto porque eu fazia arroz que depois embrulhava em jornais para não arrefecer. Passou a ser o “arroz de jornal” que comíamos depois da meia-noite. O colega que fazia comigo a sebenta de Física estudava lá em casa. Depois da meia-noite, íamos comer”.

#### Investigadores têm de ser mais objectivos

Embora mais atenuado, o empresário e representante de empresários continua a ter um discurso crítico quanto à relação entre as universidades e as empresas. “São poucas as universidades que entendem as necessidades de uma indústria tradicional. Falo nomeadamente da área que domino que é a da metalomecânica. Na Universidade do Porto há o INEGI e esse sim, conhece, vai à fábrica e fala na mesma linguagem. Tem de haver uma maior aproximação, caso contrário, os quadros que saem das universidades terão muita dificuldade em se ajustar a essas empresas. Continuo a dizer que foi um erro terem acabado com as escolas técnicas porque formavam os chamados engenheiros das pequenas empresas. Depois há outra situação que me preocupa que é: porque razão andam sempre a mudar os nomes dos cursos? Acho que as

universidades não compreenderam o ajustamento ao emprego em Portugal. Isto também tem a ver com as experiências que os universitários tiveram noutros países. Aprenderam muito, mas quiseram importar os modelos de outros países para o nosso. E hoje há muita gente que não tem emprego na especialidade que escolheu e tem de se ajustar a outras especialidades”. As críticas alargam-se ao tipo de investigação praticado nas universidades. “Gastam muito dinheiro em investigação e depois dizem que os empresários não a sabem utilizar. Não! Em primeiro lugar têm de saber o que é preciso investigar! E não adoptar esse comodismo de dizer: ‘Nós fazemos investigação e depois não temos quem a queira’. Têm de ser objectivos! Mas Portugal está a mudar. Está a mudar com qualidade e vai mudar ainda mais. Estamos a criar uma apetência para um desenvolvimento mais qualificado. Espero que nos próximos dez anos a mudança seja radical”.

“Foi a primeira exposição que se fez na faculdade. Uma feira de amostras... fiquei com a ideia da Exponor desde aqui.”